

Pequenas definições: notas para um contexto do humor

Janaína Michele Oliveira Silva

Doutoranda em Letras pela Universidade de São Paulo. e-mail: jm-net@usp.br

Resumo: Neste artigo propomos discutir os significados do termo “humor”, tendo-se em vista que ele não é homogêneo. Assim, procuramos esboçar nossa compreensão do que entendemos por tal e como os elementos que compõem seu campo semântico se relacionam ou se distanciam dele. Com isso, buscamos apresentar uma delimitação de sentido, sem, contudo, sermos inflexíveis.

Palavras-chave: 1. Humor. 2. Campo semântico. 3. Definições

Abstract: In this paper we intended to discuss the meaning of the term “humor”, by considering that it is not homogeneous. This way we tried to approach our comprehension of the matter and understand how the elements that compose its semantic field are related to it or far from it. Finally we searched to present a delimitation of meaning without being inflexible.

Keywords: 1. Humor. 2. Semantic field. 3. Definitions

1. Primeiras palavras

Desde longa data, quando Aristóteles já anunciava seus questionamentos, há interesse em se estudar o humor. Parece-nos que esse desejo ainda se pronuncia nos nossos dias, porém, para que se o estude é preciso, antes, conhecê-lo melhor, adentrarmos em seu universo para dele extrairmos sua essência.

Evidentemente, definir o humor não é uma tarefa simples, nem o pretendemos, mas queremos mostrar um esboço de seu significado sem, contudo, delimitá-lo – algo que nos parece bastante complexo.

Sabemos que o humor é, sem dúvidas, dotado de uma ambivalência, multiplicidade e ambiguidade inerentes, o que o torna de um desassossego na constituição de verdades, pois ele pode revelar ou não, mostrar ou apagar.

2. Algumas considerações teóricas

Sabemos que o discurso humorístico tem um espaço significativo na mídia brasileira, por atrair o leitor com a possibilidade de uma leitura rápida e de fácil contextualização, visto que se manifesta sobre os fatos cotidianos com humor e opinião. Assim, neste trabalho, fazemos uma abordagem sobre o humor, apresentando sobre ele uma breve delimitação.

Ao longo do trabalho faremos uso de algumas teorias, tais como a Análise do Discurso e de autores filiados à Linguística. Também utilizamo-nos de forma bastante significativa de textos filiados à tradição linguístico-filosófica e histórica; assim pude-

mos resgatar algumas considerações que nos foram bastante perspicazes no momento da elaboração deste trabalho. Isso não filia nosso trabalho de forma direta somente à AD, mas faz uma congruência de diferentes teorias as quais, não sendo incompatíveis entre si, podem conviver em uma análise, fornecendo suporte para interpretação e para reflexão sobre o tema proposto.

Começamos pensando que a Linguística, dentre as disciplinas das Ciências Humanas, incorporou procedimentos de abordagem para a análise e descrição de seu objeto: a linguagem. Constitui-se a Linguística por um conjunto de postulados e pressupostos teóricos com a função analítica de seu objeto de estudo. Estudá-la requer conhecer a complexidade humana e compreender o mundo à sua volta. Passa-se então a dizer que a linguagem é um simulacro de sua realidade, que se expressa por meio de discursos; estes, então, são um todo de significação. É a partir desse viés que nos propomos a estudar o humor. Partimos da premissa de que a construção é constante na fundamentação e produção do sentido, havendo, incessantemente, uma reconstrução: ora por quem o produz, ora por quem o apreende.

Sabemos que o humor, até meados do século XX, não é mais aquele direcionado exclusivamente aos fins das festividades nem somente critica os costumes e o comportamento nas sociedades de cultura ocidental; volta-se também a retratar a vida política de uma sociedade, talvez, e inclusive, pelo fato de, nos séculos anteriores, ter sofrido os mais diversos tipos de censura. Minois (2003) afirma que, quando houve o estabelecimento do espaço público – momento que se alicerça com a Revolução Francesa,

[...] nos fatos, os estilos de cômico seguem a inevitável tendência de globalização: as séries cômicas são trocadas entre os países, e o “humor inglês” é um produto estrangeiro que corresponde à imagem que se gostaria de dar à Inglaterra (Minois, 2003, p. 564).

E continua:

O humor e a ironia generalizam-se no século XX, mas um e outro são constatações de impotência, condutas que permitem ultrapassar o absurdo do mundo, do homem, da sociedade. Nesse sentido, esse século que ri de tudo pode ser aquele da morte do riso, de um certo riso (MINOIS, 2003, p. 569).

Surge, então, uma pergunta: o que é humor?

O humor, de imediato, toma para si uma característica interessante: a de ser multiforme, ambíguo e ambivalente. Seu caráter inquietante revela-se em uma dupla verdade, pode expressar alegria pura ou maldade, empatia ou não, tanto serve para afirmar como para seu oposto, negar. Ou melhor, nega, afirmando e afirma, negando, o que o descreve com propriedade como sendo um elemento da indeterminação; flutua entre as esferas do físico e psíquico, do individual e coletivo, do público e do privado, da negação e da afirmação.

Partamos do pressuposto de que o humor – e seu intuito mais óbvio, o riso – não tem uma forma única. Isso significa dizer que as mudanças fazem parte de sua constituição elementar. Bakhtin (1999) sinaliza essa característica no que se refere tanto à natureza e ao modo de ser produzido do humor, quanto às relações privadas, públicas e institucionais e sociais pertinentes ao humor.

Em outras palavras, o humor do século V não é o mesmo da Idade Média, assim como este não se iguala ao do Romantismo e, conseqüentemente, nenhum deles ao da nossa contemporaneidade. No entanto, isso não significa que não haja a presença de elementos deles no humor contemporâneo, já que ele não pode ser compreendido como

um fenômeno homogêneo. O fato de isso ocorrer se deve à ideia de que o humor muda de uma época para outra, assim como entre as culturas e sociedades.

Bakhtin (1999) ressalta, por exemplo, que o humor seria, se assim podemos dizer, uma forma mais pura e completa do riso; seria então o humor (assim como o sarcasmo, a ironia, a paródia, a burla) uma das “formas reduzidas do riso”, ou seja, uma maneira de se incitar o riso. Não é exatamente este nosso posicionamento. Acreditamos, sim, que o riso se faz por meio do humor e de outras formas de expressão análogas; entretanto, não são elas meras formas reduzidas, se quisermos utilizar os termos de Bakhtin (1999), a serviço exclusivo do riso, pois têm seu próprio valor e constituem-se singularmente.

Relação semelhante ao que diz Possenti (1998) em seu livro *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*, ao afirmar que os enunciados de cunho humorísticos trazem consigo “no limite, entre terem um sentido ou terem outro”. Portanto, o sentido estabelecido se completa na escolha lexical de um ou outro termo, na interação, inclusive.

3. Caminhos para uma definição

Partamos para a continuidade de nossa discussão. Lembremos que o termo *humor*, oriundo do latim, vem com o significado de “líquido”, remetendo-se aos líquidos do corpo como influenciadores do estado de espírito, pois acreditava-se na influência desses fluídos corpóreos sobre o caráter e o estado de ânimo dos indivíduos. É o que podemos verificar ao pesquisar o termo em diversos dicionários. Com o constante uso, passou a ser também sinônimo de “gênio”, “temperamento”.

É do/no *humour* inglês (depois de sofrido um período de evolução semântica) que se tem o sentido de “disposição para ver as coisas”, explicada pelo *Oxford English Dictionary* como sendo “a faculdade de perceber o que é ridículo ou divertido, ou de expressá-lo através da conversação, da escrita ou qualquer composição; a imaginação ou abordagem jocosa de um assunto”.

No mesmo dicionário há ainda a diferenciação de *humour* e *wit*; neste, há a qualidade de ser “puramente intelectual”, e naquele há uma qualidade de simpatia que o liga ao *páthos*, à emoção, que segundo Bergson (2001), em *O Riso*, é o que o diferencia das demais formas do cômico. Seria o humor, nas palavras do autor:

A mais generalizada destas oposições é certamente a do real ao ideal, do que é ao que devia ser. Também aqui a transposição se pode fazer nas duas direções inversas. Uma vez falar-se-á naquilo que devia ser, fingindo que se acredita que é precisamente o que é: nisto consiste a *ironia*; outras vezes, pelo contrário, descreve-se minuciosamente e meticulosamente o que é, fingindo acreditar que é isto que as coisas deviam ser: é este, a maior parte das vezes, o processo do *humor*. O humor, assim definido, é o inverso da ironia. [...] A ironia é de natureza oratória ao passo que o humor tem qualquer coisa de mais científico (BERGSON, 2001, p. 92).

Visto por este viés, seria então o humor a expressão mais profunda do cômico por se relacionar ao que o homem pensa de si mesmo.

Outro modo de circunscrever uma definição é pelo que ela não é, ou seja, pela negação. O *wit* é registrado ainda como semelhante à agudeza do espírito, próprio do *esprit* francês; ambos se relacionam semanticamente por serem expressões da inteligência pura. O humor, propriamente dito, aqui entendemos como sendo também expressão das emoções dos indivíduos, embora não se mostre sempre aparente.

O humor nem sempre apresentou a mesma acepção, como é notório, tendo aos poucos incorporado a concepção de ser uma “maneira excêntrica de ver as coisas”. So-

mente nos fins do século XVIII, início do XIX, é que temos a consolidação do seu significado atual: uma das formas do cômico (CAMBOIM, 1999).

Visto assim, podemos presumir que sua essência está vinculada à ideia do homem comparar o irracional, o inatingível ao infinito da ideia. Isto é, o homem se identifica com o objeto de riso e depois com a própria condição humana; vê, no *páthos*, o riso; ao mesmo tempo em que reflete sobre, emociona-se – entendido como fruto filosófico.

Freud (1977), em *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, não confirma essa posição, pois não afirma haver empatia entre o sujeito com o objeto alvo da circunstância de humor, mas, sim, como uma atitude para se defender da possibilidade de sofrimento, afirmando que a função do humor não é só de provocar o riso, mas de revelar os lados não tão visíveis da realidade. A partir dessa teorização, o humor, no século XX, tornou-se alvo de conceituação ambígua e, concomitantemente, adquiriu amplitude na extensão de significado. Cabe-nos lembrar, entretanto, que Freud (1977) assim como Bergson (2001), não se referem à produção do humor feita por profissionais.

Para nós, não há um “humor puro”, se assim podemos dizer; no que acreditamos é na heterogeneidade das formas cômicas, ou seja, acreditamos que exista humor do tipo sarcástico, do tipo satírico, irônico, paródico, jocoso, que originam expressões nas mais diversas formas específicas do próprio humor, como a chacota, a piada, o ridículo, a anedota, a caricatura, isto é, a hibridização prevalece na sua constituição.

Outra informação relevante se baseia no fato de que o humor faz parte de uma família semântica abrangente. Por exemplo, se perguntarmos a alguma pessoa o que usaria para expressar o humor, muitas poderiam ser as respostas, tais como: piada, anedota, paródia, chacota, sátira, picaresco, burlesco, caricatura, ridículo (algo), divertido (algo), chiste. Passemos então a explicitar o que entendemos em uma dessas e outras formas.

Começaremos pela anedota. Entendemo-la como uma forma sucinta de relatar um acontecimento, em que o fato *jocoso* está presente. Pode ter como personagens pessoas conhecidas no âmbito da sociedade, ou ainda ser uma figura típica de lendas e do folclore. Geralmente, caracteriza-se por ser um relato breve e com nuances de *graça* ou *caçoada*, misturados com momentos curiosos.

Ainda podemos fazer um elo com a primeira expressão: jocoso. Palavra oriunda do latim e desde então significava “*que gosta de gracejar, folgazão, alegre*”¹, classificada em Língua Portuguesa como adjetivo que tem por intuito fazer *rir*, ser *engraçado* ou *cômico*.

Percebemos que o verbete “graça” e o seu derivado “engraçado” aparecem logo nas duas primeiras formas. Nosso entendimento no que se refere a ele é o de ser um dito com elemento *espírituoso*, ser um *gracejo*, *chiste*. Assim define “graça” o *Dicionário Aurélio*²: [...]. 6. Dito ou ato espírituoso ou engraçado. [Sin.: *gracejo*, *graceta*, *caçoada*, *chiste*, *pilhéria*, *troça* e (no Brasil) *gozação*] (grifos nossos).

Outra palavra comum ao universo humorístico é “caçoada”. Esta, tanto no Dicionário Houaiss quanto no Aurélio³, recebe a denotação de fazer zombaria escarnecer, troçar, provocar o riso. O primeiro explicita de maneira mais longa seu sentido⁴:

Caçoada: s.f.: o que é feito ou dito com intenção de provocar riso acerca de algo ou alguém determinado; pilhéria, troçar, zombaria. Caçoar: 1. V.t.d., t.i.int. Fazer caçoada, *galhofa*, ou *chacota* de; provocar o riso ou *hilaridade* acerca de alguém ou algo determinado, com palavras ou atos espírituosos ou engraçados, que manifestam

¹ Etimologia latina anotada do *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva/ Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001.

² Anotado de: Holanda Ferreira, Aurélio B. de. *Dicionário Aurélio Básico de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988; e de *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2 ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

³ Referimo-nos aos dicionários já citados nas notas anteriores.

⁴ Os grifos que seguem na citação são nossos.

humor, *ironia*, malícia, desdém, etc; *escarnecer*, gracejar, troçar, *zombar*. 2. t.i. Fazer caçoada por brincadeira ou para provocar; brincar, implicar [...].

Pilhéria aparece como sinônimo de piada, dando que estes verbetes fazem alusão a outros termos já mencionados, tais como anedota, chiste, com o objetivo de causar o riso. Outro termo muito utilizado é a chacota. Sucintamente, denota a ideia de fazer gracejo; porém, esta designação está relacionada à sua origem de festa popular, de caráter chistoso, do século XVI, com dança alegre e musicada por guitarras próprias.

Em todas, ou em quase todas, aparece a palavra “divertido”. Este adjetivo traz consigo, assim como a maior parte das palavras relacionadas, sentido de alegria, recreação a fim de produzir o riso. O vocábulo “ridículo” caracteriza-se pelo ato de provocar, incitar o riso ou *escárnio*. Uma peculiaridade do escárnio é a presença do *grotesco*, por meio do exagero natural ou adquirido, em determinada circunstância. Bergson (2001) aponta para esta faculdade do cômico, quando discute sobre a rigidez e o vício:

[...] Aquilo que a rigidez dum idéia fixa é para o espírito não será o mesmo que aquilo que certos vícios representam para o caráter? Quer seja um defeito da natureza quer contraído pela vontade, o vício assemelha-se muitas vezes a uma deformação da alma. Sem dúvida que há vícios onde a alma profundamente se instala com tudo que ela comporta de poder fecundante e que arrasta, vivificados, num círculo movente de transfigurações. São os vícios trágicos. Mas o vício que nos há de tornar cômicos é sobretudo o que nos vem de fora, tal como um caixilho onde nos inseríssemos e nos impusesse a sua rigidez em lugar de se adaptar à nossa maleabilidade (BERGSON, 2001, p. 24).

Seguindo a linha proposta pelo autor, notamos que o risível ocorrerá quando houver certa rigidez mecânica em substituição à flexibilidade que se espera no homem, seja provocada por elementos externos – de modo acidental, seja estrutural ou interior, quando provém de uma mania ou vício: “É cômica toda combinação de atos e de acontecimentos que nos dê, inseridas uma na outra, a ilusão de vida e a sensação nítida de arranjo mecânico” (BERGSON, 2001, p. 51).

A espontaneidade é substituída pelo mecânico, visto ele estar ligado ao inconsciente⁵, os defeitos ridículos procuram não se mostrar, a sua revelação explica porque *ridendo castigat mores*⁶. Ou nas palavras de Bergson (2001): “[...] Ele faz com que procuremos imediatamente parecer o que deveríamos ser, o que nós, sem dúvida, acabaríamos um dia por ser verdadeiramente” (2001, p. 26).

O ridículo faz rir por apresentar visivelmente a mecanicidade de acontecimentos humanos, mas preservando o aspecto verossímil, entrando em conflito com a maleabilidade da vida. O mesmo se aplica a uma cena verbal:

[...] Numa repetição cômica de palavras há geralmente dois termos em presentes: um sentimento comprimido que se estira como uma mola e uma idéia que se diverte a comprimir de novo o sentimento (BERGSON, 2001, p. 54).

A propósito do uso verbal, ainda salienta, resumidamente, aquilo que nomeia como sendo as três leis fundamentais do que chama “transformação cômica das proposições”:

⁵ Apesar de mencionar o inconsciente, Bergson não explica em qual sentido e/ou linha teórica está relacionando o termo; em outras palavras, não explica o que entende por tal.

⁶ Comumente traduzido por “rindo se corrigem os costumes”.

[...] Que uma frase se torna cômica quando consegue conservar ainda um sentido mesmo depois de se alterar ou quando exprime indefinidamente dois sistemas de idéias completamente independentes, ou enfim, se se obteve transpondo uma idéia num tom que não é o seu [...] (ibid., p. 87).

Do ridículo passamos à ironia. Vejamos o que propõe o dicionário Aurélio: “s.f. 1. Modo de exprimir-se em que se diz o contrário do que se pensa ou sente. 2. Contraste fortuito que parece um escárnio”.

A partir dessa definição, podemos dizer que a ironia não está vinculada ao sentimento somente, mas até para isso se faz necessário o uso do *logos*⁷. Para nós isso é elemento essencial, visto ser o jogo de raciocínio o constituinte básico dessa forma. Outra característica sua é verificável ao, de certa maneira, estar vinculada ao oposto do que é o próprio humor, como mostramos, mais uma vez, com Bergson (2001), que assim a define:

Acentua-se a ironia deixando-nos arrebatar cada vez mais pela idéia do bem que deveria reinar, razão pela qual se pode elevar interiormente a temperatura da ironia até se transformar, de certa maneira, em eloquência sob pressão (BERGSON, 2001, p. 92).

Notemos que ao falar de ironia, pensamos principalmente no seu aspecto engraçado; contudo, nem sempre é o riso, digamos, “inocente”, que a caracteriza. Por trás dessa aparência há outro elemento que a constitui: a maldade ou o sentido maldoso, ao qual compreendemos como sendo, por exemplo, a formulação de piadas que se utilizam de adjetivos de caráter negativo ou que buscam depreciar a imagem de uma pessoa.

É contrapondo a ironia ao humor que o autor mostra-nos mais precisamente suas diferenças e congruências, ao mesmo tempo em que complementa sua anterior definição sobre o humor e acrescenta sua visão sobre o humorista:

Acentua-se o humor, pelo contrário, descendo cada vez mais ao interior do mal real, para notar as suas particularidades com uma mais fria indiferença. [...] O humor se dá bem com os termos concretos, com os pormenores técnicos, com os fatos precisos. Sendo exata a nossa análise temos de reconhecer que isto não é somente um traço adicional do humor, mas a sua própria essência, um traço em que inteiramente se contém. Desta maneira o humorista é um moralista disfarçado de sábio, qualquer coisa como um anatomista que só fizesse dissecações para nos aborrecer; e o humor, no estrito sentido em que tomamos a palavra, não é mais que uma transposição do moral para o científico (BERGSON, 2001, p. 92).

Uma versão, digamos, mais mordaz é o sarcasmo, que etimologicamente vem do grego *sarkasmós*, que traduzido toma o significado de “riso amargo”.

Isso leva-nos ao termo “escárnio”, por vezes citado. Ao falar dele, a primeira imagem que nos vem são as das cantigas do trovadorismo. Popularizadas nos livros didáticos, nas aulas de literatura portuguesa, firmaram-se como elementos primordiais nos estudos de uma época, de uma determinada cultura e sociedade. Sempre foram descritas como portadoras de grande zombaria. E é nesse sentido que entendemos o escárnio como componente humorístico.

⁷ Entendido aqui em sua acepção mais usual, como “raciocínio”, “pensamento”.

Por sua vez, a “zombaria” não se diferenciará muito do que até então foi exposto. Talvez venha a inferir sobre algum tipo de chacota, ou ainda algum tipo de manifestação debochada, com o intuito de “fazer graça”, expondo seu alvo ao ridículo ou semelhantemente, como propõe o Dicionário Aurélio: “s.f. Manifestação malévola, irônica ou maliciosa, por meio do riso, de palavras, atitudes ou gestos, com que se procura levar ao ridículo ou expor ao desdém ou menosprezo uma pessoa, instituição, coisa etc, e até os sentimentos”.

Não menos importante e constante é a presença da sátira no humor. A esta podemos lembrar a partir de sua origem latina (na literatura, de ser uma forma livre de composição poética) por objetivar a censura de costumes e da própria contemporaneidade – em seus vícios e defeitos – com estilo oscilante entre o irônico e o mordaz, num discurso⁸ crítico, incisivo, não se modificando em muito seu sentido até os dias atuais, talvez um pouco mais ameno e menos contundente.

4. Últimas palavras

Independentemente do vocábulo utilizado, percebemos que há muito em comum entre os termos expostos. Por vezes, aparentemente, simplesmente se excluem. O que para nós também se apresenta de grande importância é lembrar que acreditamos, nesse momento, não haver um, digamos, humor puro (talvez não nos nossos dias, por motivos já mostrados e outros não tratados aqui), assim como uma forma pura. Ao contrário, acreditamos na possibilidade de uma incorporação de elementos diversos entre eles, seja na estrutura, seja na forma, seja no conteúdo, compondo um humor heterogêneo, híbrido em essência, como dissemos em momento anterior.

O humor seria, aceitando isso, um patamar “conciliador” e, hierarquicamente, superior às outras formas cômicas, com suas características peculiares e a singularidade de formação, sem, contudo, deixar de apresentar-se de algum modo relacionado aos termos expostos.

Referências bibliográficas e bibliografia consultada

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1999.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2001.

CAMBOIM, José Afonso de Sousa. *Língua hilare língua: ensaio sobre o riso e a técnica da opacificação cômica na performance lingüística de José Cândido de Carvalho*. Brasília. Bárbara Bela, 1999.

CONFORTIN, Helena. Leitura do humor na mídia, in: BARZOTTO, V. & GHILARDI, M. I. (orgs.). *Mídia, educação e leitura*. São Paulo: Ed. Anhembi Morumbi e Associação de Leitura do Brasil, 1999.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2 ed. revista e ampliada. 35^a impressão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

⁸ No sentido de exposição escrita, peça oratória.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva/ Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Trad. Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

OXFORD. *Dicionário Oxford*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SILVA, Janaina M. O. *Análise de textos de jornal impresso: releitura na voz que faz rir e faz calar*. (Dissertação de Mestrado). FFLCH/USP. São Paulo. 2008.

TRAVAGLIA, L. C. “Uma introdução ao estudo do humor na lingüística”. *Revista de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, D.E.L.T.A.* vol. 6. n.º 1, 1990.

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 5 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.